

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**EFEITOS DA COMPLEMENTARIDADE/SEMELHANÇA
DOS ESTILOS DE VINCULAÇÃO EM DIFERENTES
TIPOS E FASES DE DESENVOLVIMENTO DAS
RELAÇÕES DE CASAL**

Nance Catarina Santos Gomes do Carmo

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-
Comportamental e Integrativa)**

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**EFEITOS DA COMPLEMENTARIDADE/SEMELHANÇA
DOS ESTILOS DE VINCULAÇÃO EM DIFERENTES
TIPOS E FASES DE DESENVOLVIMENTO DAS
RELAÇÕES DE CASAL**

Nance Catarina Santos Gomes do Carmo

Dissertação orientada pelo Professor Doutor João Manuel Moreira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-
Comportamental e Integrativa)**

2015

Agradecimentos

Quero agradecer, em primeiro lugar, ao Prof. Dr. João Manuel Moreira pela transmissão de conhecimentos, dedicação, paciência, incentivo e apoio incondicional no desenvolvimento deste trabalho. Um agradecimento especial também a todos os que divulgaram o estudo e participaram nele, fazendo com que a sua concretização fosse possível.

Estou grata à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa pela ótima experiência que me proporcionou, ao longo destes 5 anos de formação académica. Agradeço humildemente a cada um dos professores porque, de forma particular, contribuíram para o meu crescimento pessoal e intelectual. A todos os funcionários por me acolheram com carinho e ajudarem-me a ultrapassar as minhas dificuldades, sobretudo neste último ano. Aos meus colegas pela amizade, companheirismo, partilha e apoio. O meu agradecimento especial à Maria Dias, Lúcia Pereira, Maria Ana Falcão, Maria Neves, Bruna Sousa, Sónia Torcato, Diana Perluxo e Catarina Serrudo.

Aos meus pais o meu profundo agradecimento pelo seu amor, apoio, esforço e investimento. Dedico a eles este trabalho por sempre acreditarem em mim. À minha irmã agradeço-lhe pelo seu incentivo e carinho. Ao meu noivo pelo cuidado e compreensão, por acreditar em mim e apoiar-me nos meus sonhos.

“Quando era criança, a minha avó contava-me que Deus dividiu laranjas a meio e espalhou-as pelo mundo. Estas metades de laranja simbolizavam o homem e a mulher, e o mais difícil era cada um encontrar a outra metade (...) para formar um todo. Eu, então, perguntava-lhe como cada um sabia que aquela era a sua metade, ao que ela me respondia... é o amor...” (Costa, 2005, p. 9).

Resumo

A literatura tem examinado os efeitos da semelhança/complementaridade dos estilos de vinculação em casais. Este estudo procurou contribuir para uma melhor compreensão destes efeitos, estudando o papel do tipo de relação, sua forma de início e desenvolvimento, como determinantes da semelhança/complementaridade real/percebida e como moderadores dos seus efeitos na satisfação/intimidade dos parceiros. Participaram no estudo 102 casais. Concluiu-se que a semelhança percebida é maior que a real, embora a percepção de semelhança/complementaridade dependa do tipo de relação e do género. A semelhança parece aumentar a satisfação/intimidade dos casados, enquanto a complementaridade tem o mesmo efeito nos casais em união de facto. Nos casais de namorados, o desenvolvimento da relação traz igualmente mudanças nos efeitos de semelhança/complementaridade. Estes resultados apresentam importantes implicações para a terapia de casal e sugerem que as características das relações devem ser tidas em conta quando se estuda a semelhança/complementaridade na vinculação em casais.

Palavras-Chave: Estilos de vinculação; Semelhança/Complementaridade; Tipo de relação; Desenvolvimento das relações; Satisfação relacional.

Abstract

Studies have examined the effects of similarity/complementarity in couples' attachment styles. This study has sought to contribute to a better understanding of these effects, by studying the role of relationship type, beginning and development, in determining real/perceived similarity/complementarity in couples and in moderating its effects upon partner intimacy/satisfaction. Participants were 102 couples. It was concluded that perceived similarity is greater than the actual similarity, although the perception of similarity/comprehension depends on relationship type and gender. Similarity seems to enhance married couples' satisfaction/ intimacy, while complementarity has the same effect in common-law marriage couples. Among dating couples, relationship development also brings about changes in similarity/complementarity effects. These results have important implications for couple therapy and suggest that relationship characteristics must be taken into account when similarity/complementarity in couples is studied.

Keywords: Attachment styles; Similarity/Complementarity; Relationship type; Relationship development; Relational satisfaction.

Introdução

Os relacionamentos íntimos ocupam um papel central na vida adulta. Talvez por esta razão, sabe-se que a qualidade conjugal afeta de forma substancial o bem-estar e a saúde dos indivíduos (Scorsolini-Comin e Santos, 2010). O reconhecimento da sua importância levou a que, ao longo do tempo, várias teorias (e.g., Teoria dos estilos de amor, Lee, 1988) tenham estudado o amor. No entanto, o legado de “uma das maiores bases para se estudar os relacionamentos românticos” (Fraley e Shaver, 2000; p. 132), tem sido atribuído à teoria da vinculação. Deste modo, consideramos que será especialmente importante compreender como parceiros românticos poderão ser mais satisfeitos à luz desta teoria.

John Bowlby foi o fundador da teoria da vinculação, estudando a formação de laços afetivos, estabelecidos entre a criança e o seu cuidador (figura de vinculação). Muitas das suas formulações foram influenciadas pelos trabalhos de Mary Ainsworth (para uma revisão ver Bretherton, 1992). Bowlby (1982) postulou que o ser humano foi dotado, pela seleção natural, de um sistema comportamental inato que o motiva para a formação e manutenção de laços emocionais com uma figura de vinculação, garantindo a sua sobrevivência nos primeiros anos de vida. Ao longo do desenvolvimento, fruto das experiências relacionais, o indivíduo começa a formar expectativas de disponibilidade e de capacidade de resposta das figuras de vinculação, que são incorporadas nos *modelos internos dinâmicos de trabalho*, possibilitando representações mentais do *self* e dos outros. Desta forma, a qualidade das experiências com a figura de vinculação é fundamental no desenvolvimento de sentimentos de confiança e segurança, em si próprio e no outro.

Neste seguimento, um dos principais contributos de Ainsworth foi o estudo das diferenças individuais na qualidade das interações com as figuras de vinculação.

Ainsworth e os seus colaboradores (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978), a partir da observação da reação de bebés que eram separados e depois reunidos de novo com as suas mães, identificaram três estilos comportamentais de vinculação: seguro, ansioso-ambivalente e evitante.

Hazan e Shaver (1987) foram os primeiros investigadores a evidenciar que os três estilos de vinculação, encontrados em estudos com crianças, se manifestavam na mesma proporção em adultos. Indivíduos evitantes caracterizavam-se pelo desconforto com a intimidade, dificuldade em confiar e depender dos outros. Indivíduos ansiosos-ambivalentes por procurarem níveis extremos de intimidade e terem medo do abandono. Indivíduos seguros apresentavam o oposto de todas estas características.

Estes autores (Hazan e Shaver, 1987) encontraram uma relação entre os estilos de vinculação dos indivíduos, os seus modelos do *self* e dos outros e as suas histórias de vinculação. Deste modo, os estilos de vinculação e, portanto, as formas de funcionamento interpessoal, seriam influenciadas pelas experiências precoces. Alguns estudos em adultos têm sustentado esta ideia, apesar de uma certa mudança nos estilos de vinculação poder ocorrer ao longo do tempo (e.g., Fuller e Fichmen, 1995).

Os contributos de Hazan e Shaver (1987) impulsionaram a comunidade científica a estudar os relacionamentos românticos tendo em conta as características de vinculação (Feeney, 2008), tendo assim demonstrado que os estilos de vinculação têm implicações para a qualidade e satisfação com as relações (e.g., Kirkpatrick e Davis, 1994; Simpson, 1990). Além destes efeitos diretos, a investigação revelou a possibilidade de efeitos de interação dos estilos de vinculação no emparelhamento em casais (e.g., Frazier et al., 1996), isto é na atração ou seleção de parceiros e na estabilidade ou manutenção das relações, apontando para três tipos de hipóteses: de *segurança*, de *semelhança* e de *complementaridade*.

A *hipótese de segurança* sugere que os indivíduos são atraídos por parceiros que proporcionam maiores oportunidades de segurança (e.g., Chappell e Davis, 1998). Assim, espera-se uma maior preferência por parceiros seguros, depois por ansiosos e por último por evitantes.

As *hipóteses de complementaridade e semelhança*, apesar de diferentes da primeira hipótese, não negam a preferência dos sujeitos por indivíduos seguros. A *hipótese de complementaridade* postula que as diferenças em estilos inseguros são atrativas. Esta hipótese baseia-se na teoria da autoconsistência, segundo a qual os indivíduos tendem a confirmar as suas expectativas de forma a sustentarem a imagem de si mesmos (e.g., Jones, 1973). Assim, indivíduos evitantes prefeririam parceiros ansiosos, por esperarem que estes se mostrassem dependentes de si. Indivíduos ansiosos prefeririam parceiros evitantes, por terem a expectativa de serem rejeitados. Pelo contrário, a *hipótese de semelhança* defende que indivíduos inseguros deveriam preferir parceiros com estilos inseguros semelhantes. É sustentada pela teoria da autoestima, que defende que o ser humano tem necessidade de ver refletida nos outros a sua conceção de si próprio, para que possa confirmar os seus sentimentos de valorização pessoal (e.g., Jones, 1973).

Estas hipóteses de semelhança/complementaridade têm sido sobretudo entendidas como atuando entre diferentes tipos de vinculação insegura. Uma perspetiva alternativa seria a de que funcionariam dentro do mesmo estilo: indivíduos evitantes, por exemplo, tenderiam a emparelhar-se com outros evitantes (semelhança) ou, pelo contrário, com pessoas menos evitantes (complementaridade). Além disso, esta maior semelhança ou complementaridade poderiam influenciar a qualidade da relação. Embora não tão presente na literatura, foi esta última perspetiva que, por ser mais parcimoniosa para um primeiro estudo, foi seguida na análise dos dados desta investigação.

Existe apoio para cada uma das hipóteses (segurança, semelhança e complementaridade) na literatura. Relativamente à hipótese de segurança, Chappell e Davis (1988), Klohnen e Luo (2003) e Pietromonaco e Carnelley, (1994), avaliando a preferência de sujeitos para potenciais parceiros românticos, constataram uma maior preferência por parceiros seguros e menor por evitantes. Collins e Read (1990, estudo 3), e Senchack e Leonard (1992), em estudos correlacionais, evidenciaram que indivíduos seguros tendiam a relacionar-se com outros seguros.

Em contraste, apesar de Klohnen e Luo (2003) e Pietromonaco e Carnelley (1994) terem verificado que parceiros hipotéticos seguros eram a primeira preferência dos indivíduos, as próprias características de vinculação pareciam influenciar as escolhas secundárias. Klohnen e Luo (2003) reconheceram que pessoas preocupadas (equivalente ao estilo ansioso-ambivalente) e evitantes eram mais atraídas para parceiros semelhantes. Pietromonaco e Carnelley (1994) mostraram que pessoas evitantes tinham mais sentimentos positivos ao imaginarem-se com ansiosos. Senchack e Leonard (1992), embora tenham constatado que indivíduos seguros tendiam a estar com seguros, verificaram que indivíduos inseguros estavam mais com inseguros do que com seguros, embora as relações entre parceiros inseguros demonstrassem pior funcionamento.

Kirkpatrick e Davis (1994), num estudo com casais de namorados, não encontraram estilos de vinculação inseguros semelhantes, no entanto, estilos de vinculação complementares não eram escassos. Simpson (1990) encontrou, numa amostra semelhante, sobretudo casais complementares. No mesmo sentido, Feeney (1994) encontrou complementaridade em casamentos de curta duração. A literatura tem reconhecido que a relação entre parceiros complementares é menos satisfatória (e.g., Feeney, 1994; Kirkpatrick e Davis, 1994), embora tais considerações sejam dependentes do género dos indivíduos (e.g., Banse, 2004).

Frazier et al. (1996, estudo 1) identificaram semelhança entre os estilos de vinculação seguros e ansiosos em casais de namorados. Estes autores (Frazier et al., 1996, estudo 2), analisando também a preferência de indivíduos para potenciais parceiros românticos constataram semelhança. Le Poire et al. (1997, estudo 2) evidenciaram algum grau de semelhança em casais de namorados e casados. Os resultados de Moreira et al. (2006, estudo 2), em casais que coabitavam há longos anos, apontam no mesmo sentido. Alguns estudos têm identificado que a semelhança nos estilos de vinculação influencia positivamente a satisfação relacional (e.g., Frazier et al., 1996, estudo 1), embora tal também possa ser moderado pelo gênero dos indivíduos (e.g., Banse, 2004).

Klohn e Luo (2003) lançaram a hipótese de que a percepção de semelhança era um fator mais preditor de atração do que a semelhança real, constatando, no seu estudo, que um mesmo parceiro hipotético era percebido de maneiras diferentes consoante os estilos de vinculação dos indivíduos, havendo projeção das próprias características no outro. No mesmo sentido, Hammond e Fletcher (1991), num estudo correlacional, encontraram somente semelhança percebida em casais.

Outros estudos têm obtido correlações significativas entre estilos de vinculação inseguros semelhantes e complementares numa mesma amostra de casais (e.g., Carnelley, Pietromonaco e Jaffe, 1996). Outros ainda, não têm encontrado apoio para nenhuma das anteriores hipóteses (e.g., Senchak e Leonard, 1992). Ainda assim, o que parece emergir na literatura é um maior número de estudos com casais de namorados, que sustentam a hipótese de complementaridade em fases mais iniciais da relação e de semelhança em relações de maior duração. Isto apesar de existirem evidências para cada uma das hipóteses, em cada uma das fases das relações e de um maior número defender a hipótese de semelhança.

A literatura dispersa-se na defesa de diferentes postulados, tornando-se confusa. Contudo, algumas considerações podem ser levantadas como síntese dos resultados discrepantes alcançados. Os estudos têm avaliado casais em diferentes fases de desenvolvimento da relação. Assim, poderia pensar-se que estas poderão ser um importante fator moderador do papel da semelhança/complementaridade nos estilos de vinculação (Holmes e Johnson, 2009). De igual modo, também os estilos de vinculação autorrelatados poderão ser influenciados pelo decurso do desenvolvimento da relação (e.g., Fuller e Fichman, 1995), o que poderá estar na origem de mudanças.

A forma como os casais iniciam a sua relação, isto é, com um maior ou menor conhecimento mútuo, poderá influenciar o seu grau de semelhança. Barelds e Barelds-Dijkstra (2007) constataram que, casais que tinham iniciado a sua relação por efeito de uma paixão surgida mais rapidamente eram menos semelhantes, do que aqueles que tinham iniciado de uma forma mais lenta e ponderada.

A investigação tem divergido sobretudo entre a utilização de metodologias experimentais (e.g., Frazier et al., 1996, estudo 2) ou correlacionais (e.g., Collins e Read, 1990, estudo 3), medidas categoriais (e.g., Kirkpatrick e Davis, 1994) ou dimensionais (e.g., Klohnen e Luo, 2003) e na consideração de três (e.g., Simpson, 1990) ou quatro estilos de vinculação (e.g., Chappell e Davis, 1988). Tal certamente influenciará as conclusões obtidas e dificultará a comparação entre estudos. Por exemplo, segundo Fuller e Fichman (1995) existem diferenças substanciais entre os resultados alcançados através de medidas categoriais e dimensionais, apontando que a instabilidade e a falta de poder estatístico das primeiras fazem prever que as medidas dimensionais devam ser privilegiadas.

O objetivo deste estudo foi o de ajudar a compreender os resultados contraditórios, analisando os efeitos da semelhança/perceção de semelhança e complementaridade,

utilizando medidas e estatísticas mais atuais, com a análise de interações em regressões múltiplas. Para além disso propusemo-nos testar duas grandes questões de investigação: (a) se o tipo de relação, o seu início e a sua fase de desenvolvimento influenciam o grau de semelhança dos parceiros; (b) se a combinação dos estilos de vinculação em cada tipo de relação influencia a intimidade/satisfação dos parceiros.

Deste modo, foram colocadas as seguintes hipóteses: a semelhança percebida deverá ser maior que a semelhança real (hipótese 1); os casais de namorados deverão perceber-se como mais semelhantes, comparativamente aos casais em união de facto e casados (hipótese 2); casais que iniciaram a sua relação de forma mais lenta, tendo um maior conhecimento dos seus parceiros, deverão ter estilos de vinculação mais semelhantes (hipótese 3); os casais de namorados deverão ter estilos de vinculação mais complementares, e os casais em união de facto e casados estilos de vinculação mais semelhantes (hipótese 4); o tempo de duração e a fase de desenvolvimento da relação deverão influenciar positivamente o grau de semelhança real, mas não a semelhança percebida dos casais (hipótese 5); tanto a semelhança percebida como a real deverão estar positivamente relacionadas com a satisfação e intimidade (hipótese 6); a complementaridade deverá estar associada a uma maior perceção de obstáculos à intimidade (hipótese 7).

Método

Caraterização da amostra

Um total de 493 sujeitos participaram neste estudo, 390 do sexo feminino (79.11%) e 103 do sexo masculino (20.89%). A idade das mulheres variava entre os 18 e os 70 anos ($M = 28,51$; $DP = 10,01$) e a dos homens entre os 18 e 76 anos ($M = 31,88$; $DP = 12,49$). Cerca de 11.8 % das mulheres e 21.4% dos homens tinham o 3º ciclo de escolaridade ou inferior, 32.4% das mulheres e 37.9% dos homens tinham o ensino secundário ou equivalente e 55.8% das mulheres e 40.7% dos homens o ensino superior.

Desta amostra de sujeitos foram obtidos 102 casais, 57 numa relação de namoro, 14 em união de facto e 31 casados. Nos casais de namorados, o tempo médio de duração do seu relacionamento era de 3.6 anos, com um desvio-padrão de 2.2 anos; em união de facto era de 9.6 anos, com um desvio-padrão de 6.5 anos, e em casais casados era de 23.3 anos, com um desvio padrão de 14.0 anos.

Instrumentos

Medida de início da relação

Utilizando-se a metodologia de Barelds e Barelds-Dijkstra (2007), os sujeitos foram convidados a escolher a alternativa que melhor descrevia o início da sua relação amorosa: “Éramos amigos antes de nos tornarmos namorados”; “Conhecíamos-nos pouco e apaixonámo-nos razoavelmente rápido” ou “Foi amor à primeira vista”. Era-lhes pedido ainda que estimassem o tempo ocorrido entre o primeiro encontro e o momento em que começaram a namorar, numa escala aproximadamente logarítmica desde *no mesmo dia* até *32 anos*. Teriam ainda de avaliar o grau em que conheciam os seus parceiros antes de se terem tornado um casal, numa escala do tipo *Likert* de onze pontos, em que 0 significaria *Nada bem* e 10 *Muito bem*. A partir dos valores padronizados destas variáveis,

alcançou-se um coeficiente alfa Cronbach de .56, indicando uma razoável consistência interna, sobretudo tendo em conta o pequeno número de itens.

Inventário das Fases da Relação de Namoro (IFRN)

Para esta investigação foi construída uma medida de autorrelato, que avalia a fase de desenvolvimento de relações de namoro. Para a elaboração dos itens foram utilizadas ideias extraídas de um conjunto de trabalhos académicos, desenvolvidos pelos alunos da unidade curricular de Psicologia das Relações Pessoais, acerca dos estádios das relações pré-maritais.

A partir da análise destes trabalhos e da literatura, foi possível constatar que o desenvolvimento das relações ocorre sobretudo a partir de mudanças progressivas na intimidade, compromisso e profundidade da autorrevelação entre os parceiros românticos (e.g., Range, 2008). Desta forma, foram incluídos onze itens referentes a vários aspetos da intimidade, compromisso e profundidade da autorrevelação. Para cada item, o participante foi convidado a escolher a opção que melhor descrevia a sua atual situação relacional (e.g., Oficialização da relação: 1. “Não contei a ninguém que namorávamos”; 2. “Contei apenas a alguns dos meus amigos e/ou familiares mais próximos”; 3. “A maioria dos meus amigos e/ou familiares sabem do nosso relacionamento”; 4. “Todos sabem que namoramos”).

Uma análise em componentes principais revelou um único fator predominante, tendo-se obtido um coeficiente alfa Cronbach de .78 para ambos os sexos. Os resultados deste instrumento foram obtidos através da aplicação de um modelo da teoria da resposta ao item (Hambleton, Swaminathan e Rogers, 1991), nomeadamente o *Graded Response Model*, através do pacote *ltm* da linguagem estatística *R* (Rizopoulos, 2006). Por uma questão de espaço, esta análise não pode ser apresentada em detalhe, esperando-se que venha a ser objeto de uma publicação futura.

Questionário de Intimidade Conjugal (MIQ)

O MIQ (Van den Broucke, Vandereycken e Vertommen, 2001) é uma medida de autorrelato que avalia a intimidade conjugal. A sua versão portuguesa (Domingos, 2006), constituída por 56 itens, foi reduzida para a presente investigação. Um total de treze itens foram incluídos, seis referentes à intimidade (e.g., “Eu e o/a meu/ minha parceiro/a gostamos muito de estar juntos”) e sete aos obstáculos à intimidade (e.g., “Não estamos em sintonia”). Cada item é avaliado numa escala do tipo *Likert* de cinco pontos, em que 1 significa *Não me caracteriza nada* e 5 *Caracteriza-me totalmente*. Apenas os sujeitos que se encontravam numa relação de união de facto ou casamento preencheram este questionário. Obteve-se um coeficiente alfa Cronbach de .90, em homens e mulheres, na dimensão de intimidade, e de .87 em homens e de .86 em mulheres, na dimensão de obstáculos à intimidade.

Experiências em Relações Próximas – Versão Reduzida (ERP - VR)

O ERP (Brennan, Clark e Shaver, 1998) é um instrumento de autorrelato que avalia duas dimensões nos estilos de vinculação em adultos, a Evitação e a Preocupação. O ERP-VR (Moreira et al., 2006) é uma versão reduzida, traduzida e adaptada para a população portuguesa, constituída por doze itens, seis correspondentes à dimensão de Evitação (e.g., “Não me sinto confortável ao ‘abrir-me’ com o/a meu/minha parceiro/a”) e seis à dimensão de Preocupação (e.g., “Fico frustrado/a se o/a meu/minha parceiro/a não está disponível quando eu preciso dele/a”). Os sujeitos foram instruídos a avaliar o grau em que cada item descrevia a forma como normalmente se sentiam na sua atual relação amorosa. Esta avaliação foi feita através de uma escala do tipo *Likert* de sete pontos, em que 1 significa *Discordo fortemente*, 4 significa *Neutro/misto* e 7 *Concordo fortemente*. Na presente amostra, foi obtido um coeficiente alfa Cronbach de .76 para ambos os sexos,

na dimensão de Evitação, e de .74 nos homens e .73 nas mulheres, na dimensão de Preocupação.

Foi também usada uma outra versão do ERP-VR, adaptada para este estudo, pedindo aos sujeitos que avaliassem a maneira como percebiam que o/a seu/sua parceiro/a se sentia em relação a si (e.g., “Não se sente confortável ao ‘abrir-se’ comigo”). O coeficiente alfa Cronbach para estas medidas foi de .81 nos homens e de .82 nas mulheres, na dimensão de Evitação, e de .79 nos homens e de .80 nas mulheres, na dimensão de Preocupação.

Escala de Satisfação com as Relações (RAS)

A RAS (Hendrick, 1988; Hendrick, Dicke e Hendrick, 1998; versão portuguesa de Santos, Feijão e Mesquita, 2000) é uma medida de satisfação relacional, composta por sete itens. Cada item (e.g., “De um modo geral, até que ponto está satisfeito(a) com a sua relação?”) é avaliado numa escala de cinco pontos, cujas descrições variam de acordo com o conteúdo dos itens (no exemplo dado, variam entre *Muito insatisfeito* e *Muito satisfeito*). Na atual amostra, o coeficiente alfa Cronbach foi de .87 nos homens e de .91 nas mulheres.

Resultados

Por razões de espaço, não é possível apresentar em detalhe todos os resultados. Para mais informações, poderá contactar os autores. A primeira hipótese, de que a semelhança percebida deverá ser maior do que a semelhança real, foi testada e corroborada a partir de correlações simples de Pearson. A semelhança real, avaliada através da correlação entre a autodescrição dos dois membros do casal, foi positiva tanto na dimensão de evitação ($r = .48, p < .01$), como na de preocupação ($r = .26, p < .05$). Porém, a percepção de semelhança, avaliada pela correlação entre a autodescrição e a percepção do parceiro, foi mais elevada tanto para a dimensão de evitação ($r = .64, p < .01$, entre os homens e $r = .69, p < .01$, entre as mulheres), como para a de preocupação ($r = .57, p < .01$, entre os homens e $r = .59, p < .01$, entre as mulheres).

Tendo em conta os diferentes tipos de relações, os resultados sustentam de igual forma a hipótese levantada. Obteve-se, na dimensão de evitação, uma correlação significativa em casais casados ($r = .69, p < .01$), mas não em casais de namorados ($r = .14$) e em união de facto ($r = .34$). Contudo, a percepção de semelhança das mulheres, na dimensão de evitação, foi significativa nas relações de namoro ($r = .67, p < .01$), união de facto ($r = .39, p < .01$) e casamento ($r = .76, p < .01$), e a percepção de semelhança dos homens, na dimensão de evitação, foi significativa no namoro ($r = .48, p < .01$) e casamento ($r = .79, p < .01$), mas não na união de facto ($r = .45$).

No mesmo sentido, não foram encontradas correlações significativas, na dimensão de preocupação, nos três tipos de relações, isto é, namoro ($r = .28$), união de facto ($r = .24$) e casamento ($r = .28$). Porém, a percepção de semelhança nesta dimensão foi positiva nas relações de namoro ($r = .54, p < .01$), união de facto ($r = .67, p < .01$) e casamento ($r = .66, p < .01$), para as mulheres, e nas relações de namoro ($r = .52, p < .01$), união de facto ($r = .85, p < .01$) e casamento ($r = .55, p < .01$), para os homens.

A segunda hipótese, de que os casais de namorados deveriam perceber-se como mais semelhantes, comparativamente aos casais em união de facto e casados, foi igualmente analisada através de correlações simples de Pearson e não pôde ser confirmada. A percepção de semelhança do homem, na dimensão de evitação, foi maior quando ele era casado ($r = .79, p < .01$), do que quando namorava ($r = .48, p < .01$) e não obteve significância quando estava em união de facto ($r = .45$). A percepção de semelhança da mulher, na dimensão de evitação, foi maior quando ela estava casada ($r = .76, p < .01$), seguidamente numa relação de namoro ($r = .68, p < .01$) e em união de facto ($r = .39, p < .01$). Na dimensão de preocupação, a percepção de semelhança do homem foi maior quando ele estava em união de facto ($r = .85, p < .01$), depois casado ($r = .55, p < .01$) e, por último, numa relação de namoro ($r = .52, p < .01$). A percepção de semelhança da mulher, na dimensão de preocupação, foi maior quando ela estava em união de facto ($r = .67, p < .01$), depois casada ($r = .65, p < .01$) e a namorar ($r = .54, p < .01$).

A terceira hipótese, de que os casais que iniciaram a sua relação de forma mais lenta, tendo um maior hétero-conhecimento dos seus parceiros, deverão ter estilos de vinculação mais semelhantes, foi avaliada por intermédio de análises de regressão linear e não pôde ser corroborada. Para testar o efeito do tipo de início da relação na semelhança real dos parceiros, inseriu-se, no passo 1, os valores padronizados da evitação/preocupação real de um dos parceiros, como variável dependente, e os valores padronizados do outro parceiro e do “tipo de início da relação”, como variáveis independentes. No passo 2, inseriu-se o produto dos valores padronizados das variáveis independentes, representando o efeito da interação (Cohen, 1978). Para avaliar o efeito do tipo de início da relação na semelhança percebida, inseriu-se, no passo 1, os valores padronizados da evitação/preocupação real de um dos parceiros, como variável dependente, e os valores padronizados da evitação/preocupação percebida por esse

mesmo parceiro e o tipo de início da relação, como variáveis independentes. No passo 2, colocou-se a interação entre as variáveis independentes inseridas no passo 1.

Os resultados mostraram que, quando os casais casados iniciaram a sua relação de forma mais rápida ($z = +1$, na variável referente ao início da relação), eram mais semelhantes na dimensão de preocupação ($b = .73$), enquanto que os que iniciaram a sua relação de forma mais lenta ($z = -1$) eram mais complementares ($b = -.37$). No mesmo sentido, as mulheres que estavam em união de facto percecionavam-se mais semelhantes na dimensão de evitação, quando o início foi mais rápido ($b = .92$), comparativamente às que iniciaram a sua relação mais lentamente ($b = .30$).

A quarta hipótese sugere que os casais de namorados têm estilos de vinculação mais complementares, e os casais em união de facto e casados, estilos de vinculação mais semelhantes. Esta hipótese foi testada e desconfirmada por intermédio de correlações simples de Pearson, embora se tenha verificado que, para a dimensão de evitação, os casados eram mais semelhantes ($r = .69, p < .01$), e os namorados menos semelhantes ($r = .14$, n.s.) comparativamente aos anteriores e aos casais em união de facto ($r = .34$, n.s.). Na dimensão de preocupação, não foram encontradas correlações significativas em nenhuma das condições relacionais: namoro ($r = .28$) união de facto ($r = .24$) e casamento ($r = .28$).

A quinta hipótese, em que o tempo de duração e a fase de desenvolvimento da relação deveriam influenciar positivamente o grau de semelhança real, mas não a semelhança percebida, dos parceiros, foi infirmada por análises de regressão linear. Para se calcular os efeitos principais e de interação do tempo e da fase de desenvolvimento da relação, procedeu-se da mesma forma do que quando se estudou o efeito do tipo de início da relação na semelhança real/percebida, substituindo-se apenas, no passo 1 e 2, os

valores padronizados do tipo de início pelos do tempo de duração ou fase de desenvolvimento da relação.

Globalmente, os homens percecionaram maior semelhança na dimensão de evitação, com o decorrer do tempo da sua relação (para maior simplicidade apenas se apresenta o coeficiente correspondente à interação, $b = .16$). Nas relações de namoro o tempo de duração da relação influenciou o grau de complementaridade real dos parceiros na dimensão de preocupação ($b = -1.9$), e a complementaridade percebida das mulheres na dimensão de evitação ($b = -1.40$). Nestas mesmas relações, a fase de desenvolvimento da relação influenciou o grau de complementaridade percebida das mulheres, na dimensão de evitação ($b = -.18$), e o grau de semelhança percebida dos homens, na dimensão de preocupação ($b = .41$).

A sexta hipótese, isto é, que a semelhança real/percebida influencia positivamente o grau de satisfação e intimidade dos parceiros, foi avaliada por modelos de regressão linear, não podendo ser inteiramente apoiada. Analisando-se o papel da semelhança real na satisfação/intimidade, colocou-se, no passo 1, os valores padronizados da satisfação/intimidade do homem ou da mulher como variável dependente, e os valores padronizados da evitação ou da preocupação de ambos, como variáveis independentes. No passo 2, inseriu-se a interação entre as variáveis independentes. Para testar o impacto da semelhança percebida na satisfação/intimidade, procedeu-se de forma diferente. No passo 1 foram colocados os valores padronizados da satisfação/intimidade do homem ou da mulher, como variáveis dependentes, e os valores da evitação/preocupação real e percebida do mesmo género como variáveis independentes. No passo 2, inseriu-se a interação.

De uma forma geral, a semelhança na dimensão de evitação contribuiu para a satisfação do homem ($b = .14$, $p < .05$) e satisfação e intimidade da mulher ($b = .16$, $b =$

.20, $p < .05$, respetivamente). Contudo, o tipo de relação parece influenciar estes efeitos. Enquanto que, para as mulheres casadas, uma maior semelhança na dimensão de evitação aumentou a sua satisfação e intimidade ($b = .25$, $b = .27$, $p < .05$, respetivamente), para as mulheres em união de facto, foi a complementaridade nesta mesma dimensão que aumentou a sua satisfação e intimidade ($b = -.70$, $b = -.45$, $p < .05$, respetivamente). No mesmo sentido, a complementaridade na dimensão de evitação ($b = -1.31$) e preocupação ($b = -.74$) em casais em união de facto, permitiu maior intimidade nos homens ($p < .05$).

A perceção de semelhança, na dimensão de preocupação, aumentou a satisfação da mulher ($b = .14$, $p < .05$) e a satisfação e intimidade do homem ($b = .31$, $b = .44$, $p < .05$, respetivamente). A perceção de semelhança na dimensão de evitação, influenciou apenas a satisfação do homem ($b = .16$, $p < .05$). Nos namoros, a perceção de semelhança na dimensão de preocupação aumentou satisfação do homem e da mulher ($b = .28$, $b = .14$, $p < .05$, respetivamente). No mesmo sentido, nos casados, a perceção de semelhança na dimensão de preocupação potenciou a satisfação e intimidade do homem ($b = .46$, $b = .44$, $p < .05$, respetivamente). Porém, nas uniões de facto, a complementaridade percebida na dimensão de evitação aumentou a satisfação das mulheres ($b = -.70$, $p < .05$).

Por último, a sétima hipótese, de que a complementaridade deverá estar associada a uma maior perceção de obstáculos à intimidade, foi infirmada através de análises de regressão linear. Foi utilizado um procedimento semelhante ao da sexta hipótese, apenas com a diferença de que os valores padronizados da satisfação/intimidade, colocados no passo 1 e 2, foram substituídos pelos dos obstáculos à intimidade. Os resultados mostraram que em nenhuma das dimensões, evitação e preocupação, e em nenhuma das combinações das outras variáveis (género e tipo de relação), a semelhança/complementaridade real ou percebida previram um aumento dos obstáculos à intimidade ($p > .05$).

Discussão

Os resultados desta investigação mostram que a semelhança percebida é maior que a semelhança real. Tal constatação veio corroborar a hipótese levantada por Klohnen e Luo (2003) e os resultados obtidos por Hammond e Fletcher (1991). A semelhança percebida foi, no entanto, de uma forma geral, menor nas relações de namoro. Esperávamos que os namorados percecionassem maior semelhança, devido a estas relações se caracterizarem por níveis mais elevados de paixão. No entanto, foram os casais casados e em união de facto que percecionaram maior semelhança. Assim, sugerimos que a intimidade (e.g., mais oportunidades para observar semelhanças) e o compromisso (e.g., motivação para encontrar semelhanças) poderão estar na origem destes resultados.

A perceção de semelhança em cada uma das dimensões, evitação e preocupação, parece ter sido influenciada pelo tipo de relação. Em ambos os sexos, a perceção de semelhança foi maior nos casais casados para a dimensão de evitação, e nos casais em união de facto para a dimensão de preocupação. O primeiro resultado pode ser explicado, tal como acima referido, como efeito da maior intimidade e compromisso eventualmente presentes nas relações de casamento, que motivariam a perceção de semelhança. Isto embora também tenha sido encontrada, nestes casais, semelhança real, na dimensão de evitação. Uma possível explicação para o segundo resultado seria que, quando os dois parceiros apresentam uma elevada ansiedade, prefiram viver em união de facto, por sentirem maior incerteza quanto ao grau de compromisso desejado. Quando ambos apresentam uma baixa ansiedade, poderão não sentir a necessidade de se casar.

Evidenciámos também que os casais casados e as mulheres em união de facto, que iniciaram a sua relação mais lentamente, eram mais complementares na dimensão de preocupação e percebiam-se mais complementares na dimensão de evitação, respetivamente. Estes resultados não estão de acordo com os obtidos por Barelds e

Barelds-Dijkstra (2007), que constataram que casais que iniciavam a sua relação mais lentamente eram mais semelhantes nas características de personalidade.

Estes autores (Barelds e Barelds-Dijkstra, 2007) sugeriram que o tipo de início da relação influenciava o grau de semelhança dos parceiros. Propomo-nos interpretar os resultados de maneira diferente, considerando que são as características de vinculação dos parceiros que influenciam o tipo de início da relação e não o contrário. Assim, sabendo-se que a vinculação ansiosa predispõe a um envolvimento rápido, poderá acontecer que, quando os parceiros são complementares em preocupação, a presença de pelo menos um parceiro pouco ansioso permitirá que a relação evolua mais lentamente. De forma semelhante, a perceção de menor semelhança na dimensão de evitação poderá desincentivar a criação de intimidade e compromisso, levando a um progresso mais lento da relação.

Outra conclusão importante, que se obteve neste estudo, é que os casais casados são significativamente mais semelhantes na dimensão de evitação, e com o tempo, os homens tendem a perceber-se mais semelhantes em evitação. Sugerimos que, de facto, a semelhança nesta dimensão seja importante para o funcionamento destes casais, em que novamente o compromisso e a intimidade imperam.

Em contraste, os casais de namorados tendem a tornar-se mais complementares, na dimensão de preocupação, com o decurso de desenvolvimento da relação. Como possível explicação, levantamos a seguinte hipótese: enquanto os parceiros menos ansiosos se tornam ainda menos ansiosos, graças à segurança proporcionada pelo desenvolvimento da relação, os mais ansiosos poderão ainda ver aumentada a sua ansiedade pelo acréscimo de investimento, suscetível de perda, na relação.

Um outro dado curioso é que, apesar de os casais de namorados se tornarem mais complementares na dimensão de preocupação, os homens tendem a perceber que eles

e as suas parceiras são mais semelhantes nesta mesma dimensão, e as mulheres a perceberem-se como mais complementares, na dimensão de evitação, com o desenvolvimento da relação.

Apesar de nos parecer difícil adiantar explicações para estes resultados divergentes, consideramos importante salientar que a semelhança percebida poderá, por vezes, sobrepor-se à semelhança real, tendo possivelmente a importante função de garantir o ajustamento e o bem-estar dos indivíduos.

Uma das principais conclusões desta investigação é que o tipo de relação influencia o impacto da semelhança/complementaridade na satisfação e intimidade dos indivíduos. Nos namorados, a percepção de semelhança na dimensão de preocupação parece afetar a satisfação de ambos os elementos do casal. A literatura anterior já havia postulado que a ansiedade da mulher (e.g., Kirkpatrick e Davis, 1994) e do homem (e.g., Frazier et al., 1996, estudo 1) prejudicaria a avaliação que os seus respetivos parceiros faziam das relações. Desta forma, é natural que a percepção de semelhança nesta dimensão esteja na origem de maior satisfação.

Nos casados, a semelhança real, na dimensão de evitação, influencia a satisfação e a intimidade da mulher, enquanto a semelhança percebida, na dimensão de preocupação, aumenta a satisfação e intimidade do homem. Tais resultados estão de acordo com os de Collins e Read (1990), por exemplo, postulando que o grau de conforto com a proximidade dos homens afetava de forma particular a avaliação que as mulheres faziam sobre as suas relações, enquanto que a ansiedade das mulheres afetava sobretudo a avaliação dos homens.

Porém, resultados mais divergentes foram encontrados em casais em união de facto. A complementaridade real, na dimensão de evitação, aumenta a satisfação da mulher e a intimidade de ambos. A complementaridade percebida na mesma dimensão

influencia positivamente a satisfação da mulher. A complementaridade real na dimensão de preocupação aumenta a intimidade dos homens. Por um lado, estes resultados corroboram, em parte, os apresentados por Banse (2004), por exemplo, encontrando mulheres seguras a serem mais satisfeitas com homens evitantes. Por outro, vão contra os achados de Frazier et al. (1996, estudo 1), constatando que o grau de semelhança na ansiedade dos parceiros estava associado a níveis mais elevados de satisfação.

Em suma e de uma forma geral esta investigação revelou que: a semelhança percebida é maior que a semelhança real; a semelhança percebida poderá ir no sentido inverso ao da semelhança real; a semelhança percebida depende do género dos indivíduos e influencia a sua satisfação e intimidade; o tipo de relação, tempo de duração e fase de desenvolvimento da relação influenciam o grau de semelhança real/percebida; o tipo de relação modera o papel da semelhança/complementaridade na satisfação conjugal e intimidade.

Assim, este estudo espera ter contribuído para uma melhor compreensão dos resultados contraditórios encontrados na literatura, alertando para o facto de que as características das relações amorosas devem ser contempladas, quando se analisa a semelhança /complementaridade dos estilos de vinculação em casais. No entanto, estamos cientes que uma futura replicação deste estudo poderá não encontrar os mesmos efeitos, tendo em conta o pequeno tamanho da amostra.

Espera-se que esta investigação possa também trazer algumas contribuições para a prática clínica. Por exemplo, na terapia de casal, poderá ser importante o conhecimento de que a semelhança nas dimensões de vinculação em casados, e a complementaridade nas uniões de facto, permitem uma maior satisfação relacional.

Este estudo apresenta algumas limitações. Tal como subentendido acima, o número de casais distribuídos por cada condição relacional foi reduzido. Em contraste, o

tempo médio de duração da relação em casais de namorados foi relativamente longo. O inventário construído, para se analisar as fases de desenvolvimento das relações de namoro, carece de um maior número de itens para as fases iniciais da relação, para que se possa obter uma medida mais precisa.

Neste contexto, estudos futuros deveram incluir mais sujeitos para cada situação relacional e abranger casais que namoram há menos tempo. Seria também relevante analisar e comparar o grau de semelhança/complementaridade dos indivíduos, utilizando diferentes medidas, bem como avaliar eventuais mudanças no grau de semelhança/complementaridade, usando métodos longitudinais. É, ainda, possível que os efeitos diferenciados encontrados para os casamentos e uniões de facto sejam devidos ao facto de estes tipos de relação apresentarem diferenças na duração e idade/geração das pessoas envolvidas. Finalmente, consideramos que seria interessante examinar os efeitos da semelhança/complementaridade em diferentes tipologias de casais propostas na literatura (e.g., Fitzpatrick, 1984).

Referências

- Ainsworth, M. S., Blehar, M. C, Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Erlbaum.
- Banase, R. (2004). Adult attachment and marital satisfaction: Evidence for dyadic configuration effects. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21(2), 273-282. <http://dx.doi.org/10.1177/0265407504041388>.
- Barelds, D. H., & Barelds-Dijkstra, P. (2007). Love at first sight or friends first? Ties among partner personality trait similarity, relationship onset, relationship quality and love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 24(4), 479-496. <http://dx.doi.org/10.1177/0265407507079235>.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol. I. Attachment* (2^a ed.). New York: Basic Books.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (46-76). New York: Guilford Press.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28(5), 759-775. <http://dx.doi.org/10.1037/00121649.28.5.759>.
- Carnelley, K. B., Pietromonaco, P. R., & Jaffe, K. (1996). Attachment, caregiving, and relationship functioning in couples: Effects of self and partner. *Personal Relationships*, 3(3), 257-277. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1475-6811.tb00116.x>
- Chappell, K. D., & Davis, K. E. (1998). Attachment, partner choice, and perception of romantic partners: An experimental test of the attachment-security hypothesis. *Personal Relationships*, 5(3), 327-342. <http://dx.doi.org/10.1111/J.1475-6811.1998.tb00175.x>

- Cohen, J. (1978). Partialled products are interactions; partialled powers are curve components. *Psychological Bulletin*, 85, 858-866. <http://dx.doi.org/10.1037//0033-2909.85.4.858>
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663. <http://dx.doi.org/10.1037/00223514.58.4.644>.
- Costa, M. E. (2005). *À procura da intimidade*. Lisboa: Edições ASA.
- Domingos, L. (2006). O desenvolvimento das relações de casal: Estudo da influência dos estilos de vinculação e da intimidade na satisfação conjugal. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Feeney, J. A. (1994). Attachment style, communication patterns, and satisfaction across the life cycle of marriage. *Personal Relationships*, 1, 333-348.
- Feeney, J. A. (2008). Adult Romantic Attachment: Developments in the Study of Couple Relationships. In J., Cassidy & P., Shaver (Orgs.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (456-476). New York: The Guilford Press.
- Fitzpatrick, M. A. (1984). A typological approach to marital interaction: Recent theory and research. *Advances in Experimental Social Psychology*, 18, 1-47.
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4(2), 132-154. <http://dx.doi.org/10.1037/1089-2680.4.2.132>.
- Frazier, P. A., Byer, A. L., Fischer, A. R., Wright, D. M., & DeBord, K. A. (1996). Adult attachment style and partner choice: Correlational and experimental findings.

- Personal Relationships*, 3, 117-136. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1475-6811.1996.tb00107.x>.
- Fuller, T. L. & Finchman, F. D. (1995). Attachment style in married couples: Relation to current marital functioning, stability over time and method of assessment. *Personal Relationships*, 2(1), 17-34. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1475-6811.1195.tb00075.x>.
- Jones, S. C. (1973). Self and interpersonal evaluations: Esteem theories versus consistency theories. *Psychological Bulletin*, 79(3), 185–199. <http://dx.doi.org/10.1037/h0033957>.
- Kirkpatrick, L. A., & Davis, K. E. (1994). Attachment style, gender and relationship stability: A longitudinal analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(3), 502-512. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.66.3.502>.
- Klohnen, E. C., & Luo, S. (2003). Interpersonal attraction and personality: What is attractive self similarity, ideal similarity, complementarity or attachment security? *Journal of Personality and Social Psychology*, 85, 709-722. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.85.4.709>.
- Hambleton, R. K., Swaminathan, H., & Rogers, H. J. (1991). *Fundamentals of item response theory*. Newbury Park, CA: Sage.
- Hammond, J. R., & Fletcher, G. J. (1991). Attachment styles and Relationship Satisfaction in the Development of Close Relationships. *New Zealand Journal of Psychology*, 20(2), 56-62.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>.
- Hendrick, S. S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the family*, 50, 93-98.

- Hendrick, S. S., Dicke, A., & Hendrick, C. (1998). The Relationship Assessment Scale. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 137-142.
- Holmes, B. M., & Johnson, K.R. (2009). Adult attachment and romantic partner preference: A review. *Journal of Social and Personal Relationships*, 26(6), 833-852. <http://dx.doi.org/10.1177/0265407509345653>.
- Lee, J. A. (1988). Love-styles. In R. J. Sternberg & M. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (38-67). New Haven: Yale University Press.
- Le Poire, B., Haynes, J., Driscoll, J., Driver, B. N., Wheelis, T. F., Hyde, M. K., & Ramos, L.(1997).Attachment as a function of parental and partner approach-avoidance tendencies. *Human Communication Research*, 23(3), 413-441. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-2958.1997.tb00403.x>
- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J., Oliveira, A. P., Filipe, L. A., & Faustino, M. (2006). “Experiências em Relações Próximas”, um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4, 3-27.
- Pietromonaco, P. R., & Carnelley, K. B. (1994). Gender and working models of attachment: Consequences for perceptions of self and romantic relationships. *Personal Relationships*, 1(1), 63-82. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1475-6811.1994.tb00055.x>
- Range, P.C. (2008). Relationship Development. In P.C. Range (Eds.), *The Mating Game. A Primer on Love, Sex and Marriage* (39-59). Los Angeles: California State University
- Rizopoulos, D. (2006). Ltm: An R package for latent variable modelling and item response theory analyses. *Journal of Statistical Software*, 17, 1–25.

- Santos, M. J., Feijão, M. T., & Mesquita, R. (2000). Relações entre estilos de vinculação, estilos de resolução de conflito e satisfação nas relações amorosas em mulheres com um relacionamento heterossexual. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. (2010). Satisfação Conjugal: Revisão Integrativa da Literatura Científica Nacional. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525-531.
- Senchak, M., & Leonard, K. E. (1992). Attachment styles and marital adjustment among newlywed couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9(1), 51–64.
<http://dx.doi.org/10.1177/0265407592091003>.
- Shaver, P. R., & Hazan, C. (1988). A biased overview of the study of love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5(4), 473-501.
<http://dx.doi.org/10.1177/0265407588054005>.
- Simpson, J.A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 971-980.
<http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.59.5.971>.
- Van den Broucke, S., Vandereycken, W., & Vertommen, H. (2001). Construction and validation of marital intimacy questionnaire. *Family Relations*, 44, 285-290.